



Entrevista

Professor Samuel Pereira Marcolin

Por Andréia Porfírio, Gustavo Aurino Quadros, Marko de Azevedo Pelagio e Rafael Augusto Bet Carbonar, sob a orientação de Joana Vieira Borges

Professor Samuel Pereira Marcolin

No segundo semestre de 2016, ao ministrar a disciplina de Seminário de Pesquisa em Ensino para a terceira fase do curso noturno de graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), propus à turma que realizássemos um trabalho de pesquisa a respeito dos saberes docentes e a proposta de “ensinar pela pesquisa” da Educação de Jovens e Adultos (EJA) do município de Florianópolis, Santa Catarina, no intuito de aproximar os estudantes do futuro campo de estágio e propor uma reflexão, ainda no início do curso, sobre as relações dos professores com seus saberes na experiência com a EJA.

O trabalho começou pelo debate de textos sobre saberes docentes (TARDIF, 2002), memória e história oral (ALBERTI, 2004; CIAMPI, 2009; DELGADO, 2010) e documentos da EJA de Florianópolis (PMF, 2008). Após essa primeira parte, divididos em grupos, os estudantes elaboraram perguntas, construíram um roteiro sobre a formação inicial no curso de História e o exercício da docência. Foram entrevistados quatro professores e três professoras de diferentes núcleos de EJA da cidade; todos licenciados em História durante os anos 2000. As entrevistas foram gravadas em formato de áudio digital, transcritas e autorizadas pelos professores. Os grupos então analisaram as falas em diálogo com as reflexões propostas inicialmente e socializaram suas considerações no encerramento da disciplina. Para a maioria da turma foi a primeira experiência com a prática de pesquisa e com os debates sobre saberes docentes e Educação de Jovens e Adultos.

Selecionei para este dossiê a entrevista¹ realizada com o professor Samuel Pereira Marcolin, licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em 2011, e mestre em História com dissertação intitulada “Escritas de si: memórias e narrativas históricas de estudantes da EJA” (MARCOLIN, 2016), defendida no Mestrado Profissional de História da UFSC, sob orientação da professora Cristina Scheibe Wolff. Samuel atuou como professor de História no ensino fundamental em municípios de duas unidades federativas, na Prefeitura Municipal de Sapucaia do Sul (RS), de 2012 a 2014, e na Prefeitura Municipal de Palhoça (SC), em 2016. Atuou,

¹MARCOLIN, Samuel Pereira. Entrevista concedida à Andréia Porfírio, Gustavo Aurino Quadros, Marko de Azevedo Pelagio e Rafael Augusto Bet Carbonar. Florianópolis, 19 de outubro de 2016. 1 arquivo mp3 (26 min.).

também, na EJA, ofertada pela Prefeitura Municipal de Florianópolis (SC), de 2014 a 2015.

Retomei a entrevista realizada em 19 de outubro de 2016 na UFSC e transcrita pelos estudantes Andréia Porfírio, Gustavo Aurino Quadros, Marko de Azevedo Pelagio e Rafael Augusto Bet Carbonar. Após revisão, enviei por e-mail ao professor Samuel que autorizou a publicação para a Revista Polyphonía na versão que segue abaixo.

Joana Vieira Borges*

Andréia Porfírio

Gustavo Aurino Quadros

Marko de Azevedo Pelagio

Rafael Augusto Bet Carbonar

Estudantes: Professor, quando despertou o seu interesse pela disciplina de História?

Professor Samuel: Bom, era a matéria que eu mais gostava de estudar e ler. Parece até chavão, “todo mundo sempre gostou de ler”, “ai, adoro ler”, mas realmente eu comecei a ler muito cedo e então era o assunto que mais me interessava. Eu aprendi a ler com quatro anos. Comecei a ler, claro, gibi, e aí depois fui para os quadrinhos. Eu me lembro que tinha uma coleção de quadrinhos que era sobre tragédias gregas, mas algo bem novo. Eu lembro, não por ser precoce, porque também não me serviu de nada depois disso. O fato é que eu gostava de histórias em quadrinhos. Depois fui para a escola e tive contato com alguns professores e professoras. Com a minha primeira professora de História eu lembro que me chamava muita atenção a maneira como ela falava, a narrativa dela dentro da sala de aula. Claro, estou percebendo e refletindo sobre isso hoje.

* Professora Adjunta do Departamento de Metodologia de Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: joana.borges@ufsc.br. Os demais autores: Andréia Porfírio; Gustavo Aurino Quadros; Marko de Azevedo Pelagio e Rafael Augusto Bet Carbonar são acadêmicos do curso de bacharelado e licenciatura em História (noturno) da Universidade Federal de Santa Catarina. E-mails, respectivamente: andreialee1982@gmail.com; gustavoquadros_1992@hotmail.com; markopelagio@hotmail.com; carbonar77@hotmail.com.

Estudantes: Qual a série que era isso professor?

Professor Samuel: Lembro que a História me chamou a atenção, muito mesmo, na sétima série, que era um conteúdo bem dividido. Era o conteúdo de revolução industrial. Nós tínhamos um livro didático, a professora usava bastante e eu, naquela época, gostava.

Estudantes: E foi por causa dessa professora?

Professor Samuel: Foi por causa do assunto, revolução industrial. Parece “maluco”, não é? Mas foi por causa da ideia da revolução industrial. Foi uma época difícil para a minha família; pra todo mundo. Foi em 1997, minha mãe foi demitida por causa das privatizações e essa questão me chamava muito a atenção. Eu comecei a ir com ela em reuniões do sindicato². Era pequeno, tinha uns nove, dez anos. Essa professora, em comparação com os outros professores da minha escola, que era uma escola pública de bairro, tinha uma maneira de ensinar com uma linguagem mais coloquial, de uma maneira menos formal de dar aula que cativava bastante não só a mim, mas aos outros também. Chamava a atenção mesmo para quem não era apaixonado por História.

Estudantes: A escolha pela profissão de professor surgiu nessa época também? Como é que foi?

Professor Samuel: Eu me lembro que antes do ensino médio eu já tinha isso, ou já falava para as pessoas, que eu queria ser professor de História, isso por volta dos anos 1990 e início dos 2000. Isso eu lembro com bastante clareza, que já pensava em ser professor de História. Eu acho que é porque eu gostava das aulas. Não gostava tanto da escola, mas gostava desse período [História contemporânea], que era um período da História que as pessoas gostavam de dar aula. Eu acho que isso me chamava atenção. No final do ensino fundamental que me dei conta que eu gostaria de ser professor.

Estudantes: Na sua formação, teve algum contato com Educação de Jovens e Adultos? Como foi seu estágio na formação como professor?

Professor Samuel: Não. Durante a formação não tive contato. Eu fiz a faculdade na UFRGS e lá a gente tinha três disciplinas de estágio. Em todas tínhamos um primeiro momento de observação e depois entrávamos em sala de aula. Foi no ensino fundamental e depois ensino médio, pois não tinha como escolher a EJA. Na

² Sindicato dos Telefônicos do Rio Grande do Sul (SINTELL/RS).

época meus horários não batiam, e também não foi algo que me interessou durante a universidade, um estágio relacionado à EJA em específico.

Estudantes: Você teve alguma outra experiência profissional que tenha lhe ajudado na sua formação como professor? Ou outra experiência particular que possa ter acrescentado?

Professor Samuel: Quando eu tinha treze para quatorze anos fui estudar no IFET (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia) no Rio Grande do Sul. Tinham três cursos possíveis, e lembro que eu também me interessava por botânica/biologia. Então eu fiz um curso técnico em Agropecuária concomitantemente ao ensino médio. Era uma possibilidade de estudar em uma escola que era considerada boa, pois não tinha condições de pagar uma escola particular. Era uma boa alternativa de ter um ensino com melhor qualidade. Então eu tenho essa formação também, sou técnico em agropecuária. Nessa época eu fazia uns “bicos” de garçom nos finais de semana, e quando terminei o ensino médio, em 2005, comecei a trabalhar em uma fábrica e depois em uma loja por um tempo até me mudar para Porto Alegre (RS). Porque eu nasci em Caxias do Sul e estudei em uma cidade de Bento Gonçalves. Saí de casa com quatorze anos e fiz esse ensino médio em Bento Gonçalves, que é uma cidade perto de Caxias, e depois fui para Porto Alegre. Eu não me sustentava ainda, mas esse dinheiro ajudava bastante.

Estudantes: Mas essas experiências lhe ajudaram também para ser professor?

Professor Samuel: Sim, eu sempre gostei de lidar e de trabalhar com pessoas, sempre gostei, e não só por causa do trabalho. Enfim, teve uma época que a Psicologia rivalizou um pouco com a História, mas a leitura de textos de História me chamava mais atenção; eu gostava mais.

Estudantes: E com base na sua experiência como professor na EJA, principalmente, como você avalia os estudantes? Essa troca de experiência e convívio? Porque é uma outra proposta, não é? [referem-se à proposta de “ensinar por pesquisas” da EJA/Fpolis]

Professor Samuel: Se fosse pensar sobre estudantes da EJA em relação aos demais do ensino fundamental, e ainda considerando a EJA de Florianópolis, eu percebo mudanças. Eu sempre comparo aos meus anos de escola, que não faz muito tempo. Faz doze anos que eu saí do ensino médio, e tem toda uma mudança que eu vejo

nas relações entre os estudantes que acho positiva. Principalmente em relação à questão de gênero, acho que existe um avanço progressista entre eles que talvez esteja relacionado à escola ou às mudanças na sociedade. Coisas que antes eram aceitas, não são mais aceitas, ou pelo menos não são facilmente aceitas, e não passam “batido” como passavam na minha época de estudante. Falo do *bullying*, da homofobia, e piadas preconceituosas. Eu vejo isso como uma mudança muito importante.

Especificamente sobre a EJA de Florianópolis, é uma mudança bem específica, bem radical para os alunos. Porque a EJA tem uma história no país, e sempre foi pensada para pessoas que não tiveram oportunidades de estudar na idade que se espera. Mais por questões de exclusão, porque a escola é excludente e limita muito a participação dos alunos. A gente recebe, por exemplo, aqui em Florianópolis, muitos estudantes que são aqueles que não conseguem se adequar às normas do ensino regular por falhas que eu considero muito da educação regular; muito limitada.

Há ainda, e é muito mais forte que propriamente a proposta da EJA, uma “tensão”, vamos dizer assim, não quer dizer positiva ou negativa, entre as faixas etárias, entre os estudantes que são mais jovens e que estão às vezes começando no mercado de trabalho, ou ainda não estão integrados no mercado de trabalho, e os adultos, e aí tem um leque bem grande: o cara que não teve oportunidade e está trabalhando e agora vai estudar; e a mulher que também está trabalhando e vai estudar porque não teve oportunidade... veio do interior. Um caso até bem recorrente são mulheres com mais de cinquenta anos que são separadas ou viúvas e que estão tendo pela primeira vez a oportunidade de estudar porque o marido não queria que elas estudassem, por machismo. Então quando vocês forem observar nas escolas irão ver bastante isso, e essa diversidade é interessante.

Estudantes: Quando foi que o professor começou a trabalhar com a EJA?

Professor Samuel: Por volta de 2007 eu dava aula como professor particular num cursinho lá em Porto Alegre. Aí terminei a faculdade em 2011 e fui trabalhar no ensino fundamental, na periferia de Porto Alegre. Fiquei dois anos. Então, por questões pessoais, minha companheira veio fazer mestrado em Florianópolis, acabei vindo morar aqui. Nessa perspectiva meio romântica, de vir morar na praia, poder colocar uma cadeira e sentar na praia. Não tem sido bem assim, mas quem não nasceu perto do mar e gosta do mar tem uma ideia de vir pra cá, pois é um lugar sonhado. Eu vim em 2014 (...)

e há uma precarização do trabalho tão grande que eles fazem um processo seletivo para ACT [professor Admitido em Caráter Temporário] todo ano, em várias cidades, não só aqui, e aí todo ano tem um contrato por onze meses, dez meses, então você tem essa troca no trabalho. Eu vim e fiz esse processo seletivo, não sabia sobre nada e achei que era no ensino regular. A EJA eu achava que era um supletivo do ensino médio e do ensino fundamental como é em outros lugares. Fui para a escolha de vagas sem saber de nada e tinha lá uma vaga na EJA, então pensei “bom, já que vou para a praia, seria interessante trabalhar a noite pra aproveitar o dia” e aí escolhi. Quando cheguei tive uma formação de alguns dias e aí fui perceber como era a proposta, como funcionava a organização, como os estudantes estudam na EJA e se certificam, porque é totalmente diferente do ensino regular. Não tem nota, os critérios de avaliação são diferentes, então foi tudo uma adaptação. E não dá para dizer que é só negativo porque muda muito os professores e as professoras, depois a gente vai falar mais sobre isso, acaba sendo uma situação em que você sempre está trabalhando com uma equipe diferente. Mas como fazemos muitas reuniões, as pessoas “cansam” umas das outras, as ideias se repetem um monte, talvez nesse sentido seja positivo que a cada ano tenha uma equipe diferente.

Estudantes: Tem que renovar o contrato todo ano?

Professor Samuel: Todo ano tem que fazer o processo seletivo.

Estudantes: Com relação a sua resposta sobre essa formação do professor para a EJA/Fpolis, dele chegar e de repente escolher a EJA e não ter uma preparação prévia sobre o tipo de proposta [“ensinar pela pesquisa”]. Enfim, como você avalia a importância das disciplinas da licenciatura na atividade docente específica?

Professor Samuel: A minha história nesse sentido é um pouco diferente. Eu falei que nunca tinha ouvido falar porque não era de Santa Catarina. Imagino que vocês estão tendo disciplinas de licenciatura que falam sobre as propostas da EJA, propostas específicas como, por exemplo, a de Florianópolis, proposta que não é única no Brasil. Acho até que existem outras similares, mas devem ser poucas.

Eu considero as disciplinas do currículo do curso de História, que tratam sobre os estágios, muito boas. Tive professores muito bons, posso citar o professor Fernando Seffner e Nilton Mullet, que foram professores que me chamaram a atenção para as possibilidades que a gente tinha ao lecionar. Isso foi surpreendente. Porque todo mundo que vai fazer licenciatura, pelo menos as pessoas que eu conheço, tem uma ideia

formatada do que é ser professor, vem com experiências próprias, “gosto disso, gosto daquilo”. Eu mesmo já tinha uma ideia de como eu seria como professor. Quando cheguei nessas disciplinas, algumas ideias se abriram para eu pensar outras possibilidades. Eu lembro muito bem que eu mudei até a ideia do que seria um bom professor a partir disso. Eu vinha com ideias pré-concebidas desde a escola, e quando a gente entra no curso de História começa outro processo, muitas disciplinas sobre teoria da História, disciplinas que nos fazem refletir sobre o conhecimento. A gente fica um pouco sem chão sobre o que aprendeu na escola. Quando chega a hora do estágio, essas disciplinas acabam ajudando a pensar outras possibilidades. São disciplinas importantes. Sobre a experiência específica de Florianópolis na EJA, claro, não estava preparado. As disciplinas foram muito importantes, pois mudaram a minha maneira de pensar. Eu vinha da escola com uma ideia formatada de professor, mais “conteudista”, mais tradicional, vamos dizer assim, que comanda a aula de uma maneira bem específica. Quando cursei essas disciplinas na UFRGS, e principalmente no estágio, comecei a perceber outras coisas que não tinha percebido antes, de uma educação mais horizontal; uma sala de aula mais horizontal.

Estudantes: Entendemos então que como professor você vai mudando a todo momento sua perspectiva de ensino?

Professor Samuel: Sim, isso muda. Não esqueço que quando entrei pra dar aula no estágio, pela primeira vez, era uma turma de 5º ano e foi bem traumático. Estava um professor que admiro bastante me acompanhando, depois da aula a gente saiu para tomar um café e conversar sobre como tinha sido. Tem um pouco de existencialismo essa profissão, não existe nada muito pré-determinado. Tu vais se apropriando das coisas e também desconstruindo outras, e isso é muito importante como professor. Tem gente que diz, “ah, é estilo”, mas é bom deixar um pouco ele em aberto também senão você acaba ficando um pouco engessado demais. Eu acho que esse estilo demora para se construir. É um estilo que não vem de uma hora para outra e isso causa muita frustração. Eu vejo entre os meus colegas, e em mim também, a ideia de que não existe um laboratório que você coloque lá as pessoas e tu vais dar aula. É na vida prática que tu vais conseguir fazer isso. Você faz o estágio, que é um simulado, um pouco irreal do que está rolando porque tu ficas por pouco tempo. Uma coisa é você dar aula para uma turma durante o ano inteiro, perceber todos os problemas que acontecem durante o ano,

conselhos de classe, reuniões com os pais, a direção, a estrutura da escola, o projeto da escola, as políticas que acontecem ali dentro. Não adianta você chegar lá e ficar um mês. Claro, é válido, mas é diferente.

Estudantes: Ainda bem que é assim, não é?

Professor Samuel: É desafiador. Claro que você pode se tornar um professor mais “fixo”, com uma estrutura mais rígida. Tem gente que se dá bem com isso, tem prazer, mas a burocracia dentro da sala de aula é terrível. Planejar é muito importante, principalmente nessa construção da prática. Agora, a sala de aula é cheia caminhos, cheia de surpresas, oportunidades não previstas. Se quem trabalha com educação perde a sensibilidade para observar esses momentos, todo mundo perde. Quando falo em sensibilidade não penso em algo inato, é sim algo construído, na prática, no cotidiano.

Estudantes: E essa questão do relacionamento com os alunos; como é o seu relacionamento com os estudantes da EJA?

Professor Samuel: Bom, acho que na EJA, pelo menos as minhas experiências, são ótimas. Porque tem uma questão, diferente do ensino regular, aqui ou são adultos ou estão na transição da adolescência para serem adultos, então é muito fácil o diálogo, o entendimento do que tu falas. Não há assim muito ruído. Podem não concordar, mas existe um entendimento maior. Claro, estou dizendo sobre o fato de perceber o que está acontecendo, as nuances. Perceber porque aquele estudante é o único que não está participando da aula. Esse é um olhar que demora, porque quando você está começando, você está preocupado com o que está na tua frente. Tu tens um conteúdo na cabeça, então você se sente confiante para começar. Repete algumas vezes a aula, tens o domínio do conteúdo, consegues mais ou menos administrar o que está acontecendo, disciplinarmente falando. Mas vejo isso acontecer bastante, tu não consegues perceber o que é importante, porque o importante talvez é perceber os que não estão participando, entendendo. Sempre tem uma quantidade de alunos que gostam de ti, que estão prestando atenção, que estão fazendo isso, mas existe uma porcentagem, que é bem forte, que não estão ali participando, não estão com vontade e não gostam de História. Esses alunos é que são importantes; trabalhar isso e não excluir. Claro, a escola tem as limitações dela, mas isso não deve levar à exclusão: se não está participando, exclui esse aluno; se não está querendo fazer, exclui. Sabe, tem aquele processo assim que vai empurrando. Ali é o limite, é uma fronteira. A EJA é uma fronteira. O aluno já passou

por outras escolas para chegar ali, e a vida dele sempre tem sido bem complicada. Na EJA você encontra histórias de vidas muito complicadas. Há três anos eu tinha 12 alunos adolescentes e já adultos que estavam cumprindo medida sócio educativa. Então os caras já tinham uma ficha para trás complicada.

Estudantes: E quais são os seus objetivos como professor de História. Qual é a sua paixão? O seu objetivo maior como professor?

Professor Samuel: Eu acho que ninguém resgata ninguém. A minha ideia como professor é trabalhar no ensino público e fazer o melhor trabalho possível, e isso quer dizer pensar em uma educação um pouco mais horizontal e de escuta. Um dos grandes problemas em todos os lugares nos quais trabalhei é a falta de escuta, principalmente de professores que não escutam os estudantes. Ou seja, existe uma ideia de caminho único ainda, de monopolizar a fala. Isso não é só na escola, é na universidade também. Agora, como usar isso a nosso favor? É no momento que nós estamos vivendo, com todos esses projetos de Escola Sem Partido, com os estudantes que às vezes vêm com opiniões que são complexas, difíceis de lidar, e por isso tem que abrir para a participação e trabalhar. Porque o nosso trabalho tem um pouco disso, ele é meio artesanal, não é no atacado. Porque a tua aula é a única naquele dia, naquele momento, e só tu podes fazer isso. Esse trabalho que é legal de fazer. Porque senão seria aquela coisa, então coloca uma fita, aprende olhando no *Youtube* (...).

Estudantes: transmissão, apenas.

Professor Samuel: O trabalho da educação ele é meio artesanal e é isso que eu acho desafiador. É esse desafio que me faz manter a vontade de continuar. Não sei se é pra vida toda, porque eu não sou um cara assim “Nossa! Vou fazer isso pela minha vida toda”, “Eu adoro, eu amo e só consigo fazer isso”. Não sei, mas por enquanto é isso que eu quero fazer.

Estudantes: Obrigado professor Samuel, pela entrevista.

Professor Samuel: Valeu!